



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 10/01/2019



3 maneiras de consertar a forma como financiamos ajuda humanitária

Todos os anos, as organizações de ajuda humanitária salvam e protegem dezenas de milhões de pessoas envolvidas em crises em todo o mundo.

Suas intervenções são mais oportunas, relevantes e eficazes do que nunca. Mas a ação humanitária nem sempre é tão rápida quanto deveria e as necessidades são atendidas de maneira desigual. Mesmo com o aumento das somas recordes, os níveis crescentes de vulnerabilidade em todo o mundo resultaram em uma lacuna teimosa e prejudicial entre necessidade e resposta. Historicamente, os doadores financiaram um pouco mais da metade do que as Nações Unidas pedem a cada ano. Então, o que precisamos fazer melhor?

Para aumentar a porcentagem de cobertura, as agências humanitárias precisam romper com os modelos tradicionais de financiamento que não são mais suficientes para as crises complexas e prolongadas que enfrentamos. As organizações humanitárias - e seus apoiadores - precisarão abraçar um dos mais importantes fatores de sucesso: a capacidade de se adaptar e inovar na saída dos problemas.



Imagem: OCHA

Eu proponho três abordagens para fechar o déficit de financiamento e renovar o financiamento humanitário: primeiro, precisamos deixar de responder apenas quando uma crise está custando visivelmente vidas e sofrimento, para uma posição padrão de prevenção antecipada, bem como para ações antecipadas. Em segundo lugar, devemos criar novos fluxos de receita sustentáveis expandindo nossa colaboração com o setor privado. E terceiro, devemos promover o desenvolvimento que possa construir resiliência e reduzir a necessidade, ao mesmo tempo melhorando a focalização, a eficiência e a coordenação das respostas humanitárias, para maximizar o valor de cada dólar.

1. Financiamento antecipatório e contingencial

Muitos desastres e emergências são previsíveis, com os primeiros sinais de alerta aumentando ao longo de muitos meses. As regiões do Sahel e do Chifre da África, propensas à seca e cronicamente inseguras, são dois exemplos. Nesses cenários, precisamos impulsionar tanto a ação inicial quanto a resposta por meio de financiamento previsível.

Em maio de 2018, quando os primeiros sinais de seca e crise alimentar surgiram no Sahel, o Fundo Central de Resposta a Emergências (CERF) canalizou US \$ 30 milhões para Burkina Faso, Chade, Mali e Mauritânia para ajudar as agências a iniciar uma resposta rápida. Vincular esse tipo de financiamento a fatores de desencadeamento pré-acordados e planos de implementação pode ajudar muito a melhorar o design e o impacto do programa, reduzindo os tempos de resposta e os custos e reduzindo o sofrimento. Ao pré-concordar com o financiamento de contingência, o dinheiro pode chegar em dias, não em meses. Um dos desenvolvimentos mais importantes no financiamento de crises foi a criação da janela de resposta a crises do Banco Mundial na assistência internacional ao desenvolvimento.

Agora, agências e investidores estão indo mais longe, para prestar assistência ainda mais cedo, com financiamento antecipado. O fundo baseado em previsões da Federação Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, a janela de antecipação do Start Fund e o Mecanismo de Ação contra a Fome do Banco Mundial-ONU (FAM) são apenas três exemplos. O FAM baseia-se em dados de alerta antecipado e análises preditivas para prever a insegurança alimentar aguda e a fome, ligando os limiares ao

financiamento automático pré-acordado. Ao introduzir a automaticidade, essa abordagem diminui o impacto da tomada de decisão irracional nas prioridades de resposta, redirecionando-as para a necessidade. O Banco Mundial estima que o FAM não só pode salvar vidas, mas também reduzir os custos de resposta em até 30%. Ao monitorar o progresso e o impacto dos modelos de financiamento preditivo, podemos começar a entender o que funciona, com vistas a mapear como levar os modelos à escala.

2. Fluxos de financiamento baseados no mercado

O sistema humanitário ainda é excessivamente dependente de um modelo de financiamento tradicional, orientado pelos doadores. Grupos humanitários estão começando a colaborar com o setor privado em soluções de investimento para levar a receita à escala e pioneirar modelos e paradigmas de financiamento alternativos, mas temos muito a aprender.

Alguns dividem os investidores em duas categorias: investidores em escala, como seguradoras; e investidores pioneiros, como os filantropos dispostos a apostar em um elo de impacto humanitário.

No setor de seguros, estamos vendo empresas como a Swiss Re e a Munich Re formarem alianças com governos e, em alguns casos, socorristas humanitários, para oferecer um grau de proteção diante de desastres naturais. O Mecanismo de Seguro de Risco de Catástrofes do Caribe, que faz pagamentos quando ocorrem terremotos, inundações ou tempestades, é um bom exemplo. O seguro também está presente no Pandemic Emergency Financing Facility do Banco Mundial, que fez seu primeiro pagamento em 2018 para ajudar o governo dos esforços da República Democrática do Congo no combate ao vírus Ebola. Eu gostaria de ver o seguro desempenhar um papel crescente na proteção de emergência em países em risco, bem como uma exploração do uso de seguros, mesmo em zonas de conflito.

Um maior envolvimento com modelos do setor privado, como esses, significará que os humanitários melhorarão nossa coleta e análise de dados e impulsionarão nossa análise financeira. Também precisaremos encontrar maneiras de diminuir o risco de investimentos para melhorar as chances de os investidores verem o impacto do dinheiro gasto em ambientes voláteis. Mas, é claro, as barreiras ao seguro permanecem, e nem tudo é segurável. Tão importante quanto seguir essas inovações para o financiamento humanitário é encontrar melhores maneiras de reduzir o número de pessoas que precisam de assistência.

3. Reduzindo as necessidades e melhorando a eficácia

Reduzir a vulnerabilidade e a necessidade é fundamental para a ênfase do sistema geral do secretário-geral da ONU na prevenção. Fazer isso exige que trabalhemos de maneira mais conjunta com as organizações de desenvolvimento para garantir que seus esforços incluam até mesmo as pessoas mais marginalizadas e afetadas pela crise em seus investimentos e planos de desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, o sistema humanitário deve mostrar que pode maximizar o valor de cada dólar investido. Precisamos garantir que nossos sistemas e processos sejam flexíveis, eficientes, transparentes e bem coordenados. Central para isso é melhorar a qualidade das avaliações de necessidades, por isso desenvolvemos uma compreensão mais sutil dos requisitos prioritários de cada comunidade ou grupo de pessoas afetado. O OCHA é encarregado de, entre outras coisas, coordenar as avaliações de necessidades, mobilizar o financiamento humanitário e coordenar a resposta efetiva. Acabamos de lançar a Visão Humanitária Global de 2019, que é a avaliação mais abrangente e autorizada das necessidades humanitárias globais e o que será necessário para responder a elas. As avaliações de necessidades de qualidade são a espinha dorsal da publicação e devemos continuar melhorando sua precisão e rigor. Também administramos o CERF e 17 fundos comuns baseados no país, que reduzem os custos de gerenciamento, obtêm economias de escala e incentivam a colaboração. À medida que as necessidades humanitárias crescem, esses fundos devem fazer o mesmo.

Os planos de resposta de hoje precisam ser complementados pelas abordagens prospectivas descritas acima para escapar do subfinanciamento crônico. Essas abordagens, se realizadas, conectadas e ampliadas, podem ajudar a construir um modelo financeiro mais sustentável e ágil, adequado ao futuro do humanitarismo.

FONTE: <https://cerf.un.org/>



Reino Unido: Mudando a construção para aumentar a resiliência à inundação

Por Jon Masters

O Plano de Ação de Resiliência contra Enchentes de Bonfield, publicado em setembro de 2016, definiu o que cinco grupos de tarefas fariam, como embutir mais PFR (resiliência de inundação de propriedade) em pequenas empresas e lançar uma fonte online de informações públicas sobre resiliência a inundações. Dois anos depois, Bonfield não está mais envolvido ativamente, mas o momento foi mantido. A mesa redonda agora é presidida pelo chefe de reivindicações técnicas de propriedade da Aviva, Graham Brogden.

A partir da mesa redonda, um código de prática e orientação sobre o PFR está sendo escrito para uso pelas autoridades locais e todos os setores da construção e da propriedade. Com contribuições de CIRIA, BRE, CIWEM, Agência do Meio Ambiente e outros, o novo código está previsto para março deste ano. Será apresentado a designers, empreiteiros e proprietários de casas, sobre vários métodos e processos de PFR, incluindo aspectos vitais do levantamento para avaliar o risco e medidas apropriadas.

“Há muito foco no SUDS [sistemas de drenagem urbana sustentável] e outras formas de manter a água fora quando se trata de novas construções, mas ainda há pouca certeza de que as propriedades sejam resilientes, por isso queremos influenciar mudanças nos regulamentos de construção. favor de PFR. Até que isso aconteça, não teremos muita tração para aumentar a resiliência das propriedades mais recentes”, diz Brogden.

A abordagem geralmente aceita ao PFR (que será refletida no código de prática) adota uma postura de combinar proteção apropriada contra inundação com medidas projetadas para minimizar danos e permitir uma recuperação o mais rápida possível - instalação de pisos de concreto e elevação de tomadas elétricas e linha branca, por exemplo.

Um grande ponto de discórdia para a PFR, reconhecido como causa de muita dificuldade para os proprietários de residências, é o número de organizações envolvidas.

FONTE: <http://www.constructionmanagermagazine.com/onsite/changing-construction-boost-flood-resilience/>

FONTE: https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/551615/flood-resilience-bonfield-action-plan-2016.pdf

NEMRC

Reino Unido: Jovens em maior risco em inundação, de acordo com a Agência Britânica da Cruz Vermelha e do Meio Ambiente

Jovens em maior risco em uma inundação, adverte Agência Ambiental e Cruz Vermelha Britânica

- 18-34s menos conscientes dos perigos de inundação em sua área
- Mais da metade dos 18-34 anos não saberia o que fazer em caso de emergência
- Os impactos das inundações na saúde mental podem durar dois anos ou mais

A Agência Ambiental e a Cruz Vermelha Britânica estão pedindo aos jovens que aprendam como se proteger e ajudar suas comunidades quando a inundação chega após a pesquisa mostrar que a falta de conhecimento está colocando-os em risco.

De acordo com a pesquisa da Agência Ambiental, pessoas de 18 a 34 anos são menos propensas a saber se a área onde vivem corre risco de inundação e é menos provável que saiba como proteger suas casas e seus bens. Menos da metade (48%) dos menores de 35 anos saberia o que fazer se um alerta de inundação fosse emitido.

O governo publicou novas projeções de mudança climática que mostram que o nível do mar deve subir neste século e que condições climáticas extremas, mais frequentes,

requerem ação urgente. Isso significa que conhecer seu risco de inundação e entender qual ação tomar em uma inundação é mais importante do que nunca.

5,2 milhões de residências e empresas na Inglaterra correm o risco de inundações e o custo médio de danos causados por inundações em uma casa é de 30 mil libras, mas as consequências devastadoras podem ir além do material. Aqueles que experimentam inundações em sua própria casa também estão em alto risco de sofrer impactos negativos na saúde mental, que podem durar anos após a inundação ter atingido. A mais recente pesquisa da Public Health England mostra que mais de um terço das pessoas que foram inundadas em 2014 sofreram com depressão, ansiedade ou PTSD e quase um quarto das pessoas ainda vivenciavam esses impactos negativos na saúde mental dois anos depois.

Em dezembro de 2015, Storm Desmond atingiu o noroeste da Inglaterra e causou inundações extensas, deixando 45.000 casas sem energia. Milhares de propriedades em Cumbria foram inundadas, incluindo uma igreja em Kendal, onde o morador local, Jonny Gios, ainda trabalha. Ele disse:

"Ser inundado virou nosso mundo de cabeça para baixo por um ano inteiro. A comunidade se uniu de forma surpreendente durante o processo de recuperação, mas o estresse e a preocupação nos meses seguintes foram devastadores. Foi difícil desfazer o trauma e levar vários meses aconselhamento - sofrimento físico e emocional sintomas de estresse pós-traumático".

"Não posso sublinhar como é importante estar preparado e saber o que fazer quando as inundações chegam. Ações simples podem fazer uma grande diferença e poupar meses de tentar reunir sua vida e sua casa juntos."

A Agência do Meio Ambiente lançou hoje a sua Campanha de Ação Flood, em parceria com a Cruz Vermelha, para incentivar os jovens a aprender a preparar Act sobreviver em uma inundação para reduzir os impactos do dano, e para participar de uma nova rede nacional de Reserva Voluntários comunitários para Ajudar suas comunidades se ocorrer um desastre.

Caroline Douglass, Diretora de Gestão de Incidentes e Resiliência da Agência Ambiental, afirmou:

"Os terríveis impactos das inundações podem durar muito tempo depois que as águas da enchente retrocederam. Mas ações simples podem diminuir os danos à sua casa, proteger seu bem-estar e ajudá-lo a recuperar-se mais rapidamente".

"Nossas defesas contra inundações protegem milhares de lares em todo o país, mas nunca podemos eliminar inteiramente o risco de inundações, e é por isso que é crucial saber como se proteger quando for atingido".

Simon Lewis, chefe de resposta de emergência na Cruz Vermelha Britânica, disse:

"Respondemos a uma emergência a cada quatro horas no Reino Unido, desde grandes incêndios a inundações devastadoras. As inundações podem ter um impacto catastrófico em casas e comunidades, causando danos incalculáveis às coisas e às pessoas que mais valorizamos. É por isso que é vital Saiba o que fazer e como ajudar, diminuir o impacto e ajudar as comunidades a se reconstruírem e se recuperarem mais rapidamente. "

"Infelizmente, nem sempre podemos impedir que coisas assim aconteçam, mas ao nos tornarmos voluntários da reserva da comunidade, os jovens de todo o Reino Unido podem ajudar a fazer a diferença, caso o pior aconteça."

A Cruz Vermelha britânica quer criar uma rede nacional de 10.000 voluntários da reserva comunitária que possam ser chamados para ajudar em uma crise. Mais de 5.000 pessoas já se inscreveram no esquema até o momento.

Para ser um voluntário de reserva comunitária, você não precisa de habilidades especializadas para fazer a diferença e simples atos de gentileza podem fazer grande diferença. Qualquer treinamento necessário será dado no local da crise e você poderá confirmar sua disponibilidade quando for contatado. Com essas duas iniciativas, a Agência do Meio Ambiente e a Cruz Vermelha querem ver os jovens não apenas mais bem preparados para as enchentes, mas também mais ativamente envolvidos no apoio à comunidade em momentos de necessidade.

A Agência Ambiental está gastando mais de 2,6 bilhões de libras para construir esquemas de inundação em todo o país como parte de seu programa atual, que protegerá 300.000 casas até 2021.

FONTE: <http://nemrc.net/2019/01/05/uk-young-people-most-at-risk-in-a-flood-according-to-british-red-cross-and-environment-agency/>



Comentário: O que Cingapura pode fazer para se preparar para a próxima enchente

Cecilia Tortajada e Asit K Biswas

A PUB, Agência Nacional de Água de Cingapura, desenvolveu uma abordagem de gerenciamento mais ampla para águas pluviais ou pluviais que é multifacetada - exigindo requisitos de proteção contra enchentes para novos projetos de desenvolvimento e redensolvimento, desenvolvimento de infraestrutura de drenagem antes da construção e monitoramento e melhorias contínuos. do sistema de drenagem.

O desenvolvimento de infraestrutura, embora essencial, só pode proteger a população até certo ponto. A resiliência exige educação continuada e programas de conscientização que forneçam informações sobre o que as pessoas devem e não devem fazer quando há uma inundação.

Neste contexto, o setor público, desenvolvedores públicos e privados, indústrias e sociedade precisam ter uma compreensão mais ampla dos eventos climáticos extremos e como eles podem ser melhor gerenciados. Aumentar a conscientização é um primeiro passo crucial no trabalho conjunto em direção a medidas de mitigação e adaptação que possam garantir negócios, até mesmo a continuidade da sociedade a longo prazo.

Houve um tempo em que as inundações, os riscos e impactos relacionados eram indícios de falta de preparação adequada. Enquanto isto continua a ser o caso em numerosos países, Singapura atingiu um novo nível de mitigação e preparação para as inundações.

Cingapura deve continuar revisando e atualizando suas políticas de mitigação de inundações. Tais estratégias também devem incluir esforços críticos para reforçar a preparação da população, educação e conscientização.

FONTE: <https://www.channelnewsasia.com/news/commentary/what-singapore-can-do-to-prepare-for-the-next-flood-11093978>

EVENTOS



ONU abre inscrições para bolsa de jornalistas



Jornalistas em Nova York durante coletiva de imprensa na ONU. Foto: ONU

O Fundo Dag Hammarskiöld Fund para Jornalistas da ONU abriu inscrições para profissionais de países em desenvolvimento para o programa de bolsas de 2018. As inscrições podem ser feitas até 01 (primeiro) de março de 2019.

As bolsas são destinadas a profissionais com idade entre 25 e 35 anos que atuem em rádio, TV, veículo impresso ou internet e que tenham interesse em visitar Nova Iorque durante o início da 74ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. A bolsa é para o período entre setembro e novembro e incluirá custos com viagem e acomodação, assim como ajuda de custo diária.

O programa de bolsas é aberto a jornalistas que nasceram em países em desenvolvimento da África, Ásia, América Latina e Caribe e que estejam trabalhando em organizações de mídia. Os(as) candidatos(as) devem demonstrar interesse e comprometimento com assuntos internacionais e ajudar a transmitir uma melhor compreensão sobre as Nações Unidas para seus leitores e audiências. É necessário ter autorização da organização de mídia para que o candidato passe até três meses em Nova Iorque.

Para garantir o rodízio entre os países participantes, o Fundo não aceitará inscrições de candidatos dos países selecionados em 2017: Argentina, Índia, Quênia e Iêmen. Inscrições para brasileiros estão abertas neste ano.

A cada ano são selecionados quatro jornalistas. Os profissionais agraciados têm a oportunidade de observar as deliberações diplomáticas internacionais nas Nações Unidas, fazer contatos profissionais, interagir com jornalistas de todo o mundo e ganhar uma perspectiva e compreensão dos assuntos de interesse global. O programa não é destinado a dar treinamento básico aos jornalistas: todos os participantes já são profissionais de mídia.

Todos os critérios para a inscrição e documentos solicitados podem ser localizados no website da Fundação, em <http://unjournalismfellowship.org>.

Perguntas sobre o programa, critérios de inscrição e processo de seleção devem ser enviados para o email fellowship2019@unjournalismfellowship.org. A ONU Brasil não é responsável pela seleção e, portanto, não tem como responder perguntas desse tipo.

FONTE: <http://unjournalismfellowship.org/>



Fundo da ONU para democracia oferece financiamento a organizações da sociedade civil

O Fundo de Democracia das Nações Unidas (UNDEF) convida organizações da sociedade civil a solicitar financiamento para projetos de promoção e apoio à democracia. As propostas podem ser enviadas online até 18 de janeiro de 2019.

em www.un.org/democracyfund. Apenas candidaturas online em inglês ou francês serão aceitas.

O UNDEF oferece subsídios de até 300 mil dólares por projeto para as organizações da sociedade civil. O fundo apoia projetos que fortaleçam a voz da sociedade civil, promovam os direitos humanos e incentivem a participação de todos os grupos nos processos democráticos.

A maioria dos fundos do UNDEF vai para organizações locais da sociedade civil, tanto nas fases de transição como em fases de consolidação da democratização. Quatro organizações que atuam no Brasil já foram contempladas em anos anteriores.

Os projetos têm duração de dois anos e recaem sob uma ou mais das oito áreas do edital: igualdade de gênero; ativismo comunitário; Estado de Direito e direitos humanos; ferramentas para o conhecimento; empoderamento da juventude; mídia e liberdade de informação; e fortalecimento da interação da sociedade civil com o governo; e processos eleitorais.

Para saber mais sobre o UNDEF, bem como todos os detalhes, acesse: <https://www.un.org/democracyfund/>

A ONU Brasil não pode tirar dúvidas sobre editais da ONU de outras partes do mundo. Para isso, há um contato disponível na página indicada acima.

FONTE: https://www.un.org/democracyfund/sites/www.un.org.democracyfund/files/democracy_as_if_people_matter.pdf



SEMANA HUMANITÁRIA DE REDES E PARCERIAS: 4 A 8

DE FEVEREIRO DE 2019

UM EVENTO DO PROGRAMA LEADING EDGE

A quinta Semana Humanitária de Redes e Parcerias (HNPW) será realizada no Centro Internacional de Conferências (CICG) em Genebra, Suíça, **de 4 a 8 de fevereiro de 2019**.

O evento sediará as reuniões anuais e consultas de redes e parcerias humanitárias e reunirá especialistas em preparação para crises e resposta de uma diversidade de organizações e países para identificar soluções para desafios humanitários comuns.

CADASTRO

O HNPW é um evento gratuito para profissionais que trabalham em preparação e resposta humanitária. Os participantes anteriores do HNPW vieram de governos, doadores, agências das Nações Unidas, sociedades IFRCRC, ONGs, universidades e setor privado.

FONTE:https://vosocc.unocha.org/GetFile.aspx?xml=rss/5553avUoDK9oBXk5WjCq32t1ttUfc38nDpek4dR1ieeonUgx_27042_l1.html&tid=5553&laid=1&sm=-SM27042-

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>